



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O FUXICO NO CIBERTERREIRO E A EXPANSÃO DOS CANDOMBLÉS EM TEMPO(S) DE MODERNIDADE(S)

Emmanuel Bastos Lopes
Mestrando em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco
emmanuelbastos@gmail.com

TIC's na sociedade dos fluxos informacionais

O uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) já não é tão novo. Segundo Jonatas Dornelles (2004), este meio de se comunicar remonta à tecnologia de integração de sistemas de computador na década de 1970 na guerra fria, cujo plano americano era possibilitar uma comunicação no formato de rede que não tivesse nenhum centro e sim “nós de dados”, que estariam todos ligados com todos. Dessa maneira seria quase impossível ao inimigo soviético combater esse novo meio de comunicação. Cada "nó" na rede (Internet) era autônomo na produção de mensagem e divulgação da mesma para os outros "nós". Ao contrário da televisão, por exemplo a internet possibilita a comunicação de “todos” com “todos”, essa é a principal característica desta nova mídia e o resultado dessa inovação é que multiplicam-se os canais de informação e que “agora muitos são os produtores de informação e eles estão de todos os lados, não somente do lado de uma classe dominante econômica e/ou politicamente (onde poderíamos situar as emissoras de televisão)”. (DORNELLES, 2004).

A revolução infomarcional, proporcionada pela internet e pela tecnologia digital, tem sem dúvida um impacto profundo nas relações que estabelecemos com as imagens e os sons. Cresce o número de aparelhos capazes de gravar áudio, tirar fotos e filmar sem chamar atenção e que permitem em poucos minutos, compartilhá-los com milhares de pessoas pelo mundo através da *World Web Wide*. (CARDOSO, 2009). A combinação de meios captação e reprodução de imagens e sons de imagem de ponta e a capacidade quase ilimitada de compartilhamento de arquivos e informações proporcionada pela contemporaneidade acaba por criar novas situações até então não imaginadas, para tanto, os meios de armazenamento e suportes materiais de dados sofreram também



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sérias mudanças, se levarmos em conta, não mais o decênio passado, mas o ano passado, quem dirá sobre o século passado. Os CDs, e DVDs, já estão sendo superados pelos, Memory Chips, Hds virtuais e servidores comunitários, tão grande é a demanda de dados na rede.

Baseado na constatação do quanto à sociedade contemporânea é estimulada pelos fluxos informacionais e pelas redes globais de comunicação, Marc Augé propõe uma revisão crítica da noção de memória e esquecimento. Em sua análise do regime imaginário da atualidade, Augé interroga-se sobre a noção de *lembrança mnésica* e sobre a relação entre recordação e esquecimento, que fundamentam o conceito de memória. O esquecimento é, portanto, “tão necessário à sociedade como aos sujeitos, na medida em que é preciso esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera”. (MELLO, 2009. p. 154). Se a percepção contemporânea de espaço-tempo diz respeito de constantes transformações propiciadas pelos fluxos informacionais, é possível observar que vivemos sob a lógica indefinidamente presente, que subverte fortemente a nossa relação com o passado com o futuro, com memória e com o esquecimento. “Nesse sentido, novas circunstâncias de apreensão temporal se instauram, muitas vezes propiciadas sob a lógica de uma *instantaneidade continua*, que estica indefinidamente o tempo presente e subverte a lógica, da contemporaneidade” (MELLO, 2009 p. 146)

Regimes do tempo

Desde a presença na vida cotidiana das redes comunicacionais *online* e das linguagens digitais a noção de tempo real mudou. Pierre Levy (1998) nos informa que o real e o virtual não são oposições contrastantes, mas esferas do real submetidas a regimes de tempo-espaço diferenciados, descolados entre si. Como consequência, já não percebemos o tempo como o transcurso de uma ação contínua, confrontando com a lógica dos ponteiros analógicos de um relógio. “Na sociedade dos fluxos informacionais em que vivemos isso ocorre porque a noção de tempo é digital, de caráter descontínuo, onipresente” (MELLO, 2009 p. 157).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Ciberespaço é um locus de vivência (por conseguinte, sociabilidade) criado pelas Comunicações Mediadas pelos Computadores (CMC). A Internet por meio do protocolo aberto, é a maior e mais revolucionária dessas mediações. Inserem aí também a telefonia móvel, os pagers, comunicação via satélite, Tv's a cabo, dentre outros. Esse Ciberespaço é criado num ambiente da virtualidade, assim, o virtual não seria o oposto do real, mas sim uma esfera singular da realidade, onde as categorias de espaço e tempo estariam submetidas à um regime interrelacional diferenciado. O ciberespaço pode ser, portanto, considerado como uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais.

A desterritorialização, saída do "agora" e do "isto" é uma das vias régias da virtualização, por transformar a coerção do tempo e do espaço em uma variável contingente. Esta migração em direção à uma nova espaço-temporalidade estabelece uma realidade social virtual, que, aparentemente, mantendo as mesmas estruturas da sociedade real, não possui, necessariamente, correspondência total com esta, possuindo seus próprios códigos e estruturas. (GUIMARÃES, 1997). Temos então a internet que, dentro de um conjunto de avanços tecnológicos, potencializa o processo de comunicação entre pessoas. Nesse contexto, o acesso à informação torna-se cada vez mais automático e simples. Através do processo de virtualização a sociedade cria um "novo mundo", o "on-line". A sociabilidade não mais necessita da conexão tempo-espacial característica do "mundo off-line". É possível interagir socialmente fora do mesmo tempo, fora do mesmo espaço, ou fora de ambos. (DORNELLES, 2002)

A emergência da cibercultura, como uma forma virtualizada da cultura se manifestar no ciberespaço, provoca uma mudança radical no imaginário humano, transformando a natureza das relações dos homens com a tecnologia e entre si. Pierre Levy (1998) defende uma interrelação muito próxima entre subjetividade e tecnologia. Esta influencia aquela de forma determinante, na medida em que fornece referenciais que modelam nossa forma de representar e interagir com o mundo. Por meio do conceito de "tecnologia intelectual", Levy diz que tecnologia afeta o registro da memória coletiva social quando as noções de tempo e espaço das sociedades humanas são modificadas pelas diferentes formas através das quais este registro é realizado quer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

pela oralidade, escrita ou pelas formas de apreensão imagéticas modernas em âmbito cognitivo que caracterizam esta sociedade. (GUIMARÃES, 2004)

O Candomblé por sua vez responde também a outro regime de tempo. Para Reginaldo Prandi (2003) o tempo do Candomblé é ligado às noções de vida e morte, de um mundo que vivemos e do “outro mundo” (O Aiyé e o Orun¹). Poderíamos dizer então que é também o tempo da Natureza, o tempo dos Orixás que ordenam por vezes, um pesquisador a esperar um sacerdote que havia marcado uma entrevista, por horas ao lado de fora da casa, pois há a necessidade dele manter-se sacrificando, atendendo, dançando. Temos então um cruzamento de três tempos; O capitalista moderno, a qual está submetido o pesquisador imerso em sua produção para atender o protocolo acadêmico da pesquisa; o da virtualidade onde descolado do espaço torna-se líquido, que esvai-se pelos cabos de fibra ótica sem preocupar-se com distancias e fusos horários; e o tempo dos orixás, o tempo da natureza, da vida e morte, que rege a mundovisão do Candomblé, que o pesquisador tanto almeja desvelar.

Os grupos afro-religiosos na internet

A rapidez dos acontecimentos e as transformações em todas as áreas da vida social tem atingido todos a nível “macro”, mas resiste em nível microsocial a vontade de alguns grupos humanos de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar delas, mantendo-as se possível “intactas”. Na contramão, estes grupos sentem a necessidade de expandir suas influência e assim, resistir à globalização massificada. Segundo Tramonte, (2004) Esta busca pela manutenção das tradições culturais vê-se em meio às novas necessidades e demandas criadas pela modernidade. Embora freqüentemente estes grupos culturais polarizem-se na dualidade de aderir ou não as mudanças tecnológicas, uma parcela significativa acaba optando pelo caminho da incorporação que julga interessante, com o discurso de aproveitar dos elementos facilitadores que as tecnologias carregam sem perder de vista a tradição, que lhes faz únicos. Thompson

¹ José Beniste versa sobre os dois mundos da cosmovisão africana transplantada para o Brasil pelos negros escravos que motivou a criação das religiões afro-brasileiras. O Aiyé é o mundo em que vivemos e o Orun é o mundo dos mortos e também das divindades. Ver BENISTE José de. Aiyé e Orun: o encontro entre dois mundos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

(1990) afirma que a mudança tecnológica sempre foi crucial para a transmissão cultural ao longo da história, pois altera a base material e meios de produção e recepção dos quais este processo depende. Dentro desta concepção, a mudança tecnológica implica em alterações nos processos de transmissão cultural.

Estamos então diante do encontro de religião e internet. A união entre as duas é facilitada a partir das características de cada uma. Se na esfera social há uma maior secularização, na esfera individual ela é menor. O “encantamento” continua a fazer parte da vida da maioria dos indivíduos. Dessa forma, a religiosidade continua fortemente presente no mundo moderno e não devemos nos surpreender ao observarmos a religião tomando espaço através da tecnologia. Aliás, as características dessa forma de tecnologia de comunicação – internet – favorecem a “religiosidade moderna” por potencializar, justamente, as manifestações carismáticas, de forte apelo estético e catártico. (DORNELLES, 2002)

Os grupos humanos que organizam-se sobre bases práticas culturais e religiosas, como os praticantes do Candomblé, vêm-se na necessidade de assimilarem e adequarem suas práticas assentadas sobre bases tradicionais às novas tecnologias. Para Tramonte, “a comunicação de massa se interessa pela produção e transmissão de formas simbólicas produzidas e desenvolvidas por meio de tecnologias da mídia”. Então, “se as formas simbólicas podem desta maneira propagar-se, porque os grupos culturais interessados em difundir suas práticas não estariam interessados nestas tecnologias?” Por que opor, tecnologia e tradição? E neste sentido inverte-se a lógica mesma, intrínseca, do modelo de globalização hegemônico (TRAMONTE, 2004).

Para perceber de que maneira a religiosidade afro-brasileira se manifesta no mundo on-line devemos antes de tudo, ter claro que ela decorre de uma situação “*off-line*”, no campo material das religiões afro-brasileiras. O campo de disputas políticas é quem configura os usos que os sujeitos fazem desta ferramenta. Embora não seja utilizado por maioria dos adeptos, o canal de comunicação proporcionado pela internet oferece amplas possibilidades para a atração pelas religiões e até o convite à conversão. (DORNELLES, 2002)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Os *sites* da internet funcionam com um modelo interativo cujas informações são capazes de se acessar uma parte do *site*, à qualquer outro ponto do mesmo, pois a interface dos *sites* é de uma recepção ativa, que visa provocar a interação com o sujeito que se depara com ele. Este sujeito se relaciona com a máquina, de maneira que esta é ao mesmo tempo um apêndice de sua percepção cognitiva (pois se faz funcionar pelos sentidos ativados) e a mediação para a virtualidade onde terá de reeducar sua percepção (não virtual). É na interrelação entre os símbolos e ícones colocados em um *site*, por exemplo, que o antropólogo tem a possibilidade de explorar o imaginário de quem o idealizou e quem são os potenciais visitantes/consumidores. Deve estudar também o conjunto de códigos relacionais que os símbolos destes *sites* possuem, tanto entre si, quanto intrinsecamente as imagens que representam. Estes códigos formam (e são formados) por redes de significados, que só pode ser pelos que possuem a chave de acesso, “os nativos”. Podemos então analisar um roteiro de um filme por exemplo, somente por sua exibição sem necessidade tê-lo em mãos. Pois cenário, figurino, fotografia, trilha sonora, atuação das personagens, estão representados lá, como índice, segundo Pierce. (SANTAELLA, 1999) Isso ocorre também num *site* onde o *layout*, o formato, a navegação, são pensados para determinados fins e o antropólogo pode por isso estudar o “*site* de fato” (estuda as percepções humanas sobre ele) assim como o filme, a fotografia, o game, o quadrinho a pintura e etc. Tudo isso é artefato cultural produzido por homens passível de análise.

Pesquisei um *site* ao que uso como mediador para provocar o debate com aqueles adeptos da afro-religiosidade que já usam a internet em Fortaleza. Trata-se de um *site* cujo produtor/alimentador é um Babalorixá de Candomblé que está plenamente inserido na comunidade de santo da cidade, o que não quer dizer que esteja incólume às críticas de outras vertentes legitimadas.

O *site* Oriaxé (www.oriaxe.com.br) foi fundado em 2005. Segundo seu criador, o *site* foi um marco no para a comunicação entre os sacerdotes tanto do Ceará quanto de outros estados. O principal conteúdo do Oriaxé são as coberturas fotográficas de festas de Candomblé em Fortaleza e região metropolitana. Há também no portal, um outro *site* vinculado a este, o Saravá, que se dedica aos mesmos objetos, com ênfase na Umbanda. Alguns sacerdotes tratam as duas religiões como objetos diferentes, espacializando-as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em lugares divergentes reforçando suas diferenças (SILVA, 2005). O *site* possui seções de vídeos, fotografias, músicas e outros conteúdos; vendas de apostilas, camisetas, CDs. E DVDs. Há na página também uma coluna contendo o nome dos sacerdotes da religião que colaboram para o funcionamento do *site*. Possui também uma seção onde o consulente pode marcar uma visita ao sacerdote para realizar jogo de búzios presencial². O *site* possui ainda uma sala de bate-papo que se abre automaticamente em outra janela³ que é aberta para o público em geral e tem um sugestivo nome, na mesma barra de apresentação: *O bate-papo mais polêmico do Brasil*. No *site* há ainda uma *webrádio*⁴ que transmite 24 horas por dia.

O fundador e mantenedor do *site* já praticava fotografia como hobby há algum tempo e começou a realizar as fotografias por conta própria, nos eventos que participava. Percebida essa afinidade, segundo ele, alguns sacerdotes o convidaram para começar a cobrir as festas e eventos. Em sua *homepage*⁵ é expressa no slogan na barra de apresentação⁶: “A maior cobertura de festas candomblecistas está aqui” e “Aqui você encontra o melhor da festa” uma evocação ao apelo estético à beleza das festas de Candomblé. Ele me informou que no início das atividades do *site* era apenas informar os leitores/consumidores das festas e eventos de maneira gratuita e que a idéia de prestar um serviço (mediante pagamento) surgiu quando diversos sacerdotes de “fora de estado” observaram o movimentado calendário de festividades e propuseram a idéia de revelar através de fotografias e vídeos o que acontece no Candomblé de Fortaleza. Os pais e mães de santo então, contratavam os serviços do *site* para ter suas festas registradas em fotos/vídeos e depois de uma edição conjunta entre contratante e contratado decidiam o que iria ser veiculado na grande rede. Nesse processo acontecem algumas discordâncias em termos não só estéticos. O “que pode e o que não pode” ir

² Cristiano Henrique dos Santos (2002) trata neste trabalho sobre as modalidades de oráculos online.

³ Este recurso facilita a visualização e não atrapalha a janela que estávamos observando anteriormente, o que acredito ser uma estratégia para nos manter ligados ao *site* principal, pois agora ao invés de uma página somente temos duas para visualizar

⁴ Rádio virtual que não possui estação de transmissão e a partir de um servidor (entrelaçado ou simples) que guarda as músicas na rede e executa quando solicitada. No caso do *site* ao entrarmos, automaticamente já começa a execução de uma música, que está sincronizada com *Windows media player* onde temos as funções básicas deste software; parar, pausar, avançar, retroceder etc.

⁵ Página Inicial e principal do site que dá acesso a todas as outras.

⁶ Barra de apresentação é onde no *Browser* da página, o navegador, o programa que dá a possibilidade de navegarmos na internet, ficam as apresentações do *site*. A nível didático: “é a parte mais alta da tela do navegador da internet, onde ficam os dizeres que apresentam o *site*”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

para a internet retrata uma das grandes problemáticas do tema de religiões afro-brasileiras. É o “segredismo” de que fala Paul Christopher Johnson (2002) quando um segredo só mantém seu valor secreto até ser revelado. (BRAZEAL,2005) É de certa maneira, muito mais o segredo um controle no acesso ao conteúdo, do que o próprio conteúdo em si, visto que este pode ser legitimado ou deslegitimado por sacerdotes de outra tradição religiosa já que no Candomblé não há um padrão de culto ou uma escritura teológica definitiva que ordene todos os rituais. (Silva, 2005)

O segredo é fundante para o poder, mas de maneira diferente do dinheiro que só realiza o seu valor no momento em que é gasto. O segredo é mais parecido com capital, pois segredos são recursos que continuam sendo dados. O segredo ritual produz valor, dinheiro e utilidades para quem o possui e sabe usá-lo (mesmo que blefe). Cria sujeitos saudáveis ou doentes por meio dos trabalhos rituais realizados. “Produz filhas e filhos-de-santo através da iniciação, os quais, ao longo do tempo, reproduzem as hierarquias rituais do candomblé” (BRAZEAL, 2005, p. 320).

A Macumba cearense se transforma em Candomblé

Para debatermos sobre religiões afro-brasileiras, encontramos com um quadro bastante diversificado, sendo que essas, formadas com seus diferentes ritos e nomes locais, derivados de tradições africanas diversas, em diferentes áreas do Brasil, configuram-se em instâncias de resistência cultural específica também atrelada a uma conjuntura nacional. (BANDEIRA, 2009). Não esquecendo também de falar que elas sofreram fortes influências umas das outras, mesclando-se entre si. Visualizamos, em trabalhos existentes, a denominação dos cultos afro-brasileiros, “tais como: Batuque, no Rio Grande do Sul; Macumba, Candomblé, Umbanda, no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais; Candomblé, na Bahia; Xangô, Catimbó, Jurema, em Pernambuco, Alagoas e Sergipe; Tambor de Mina, Tambor de Mata, Mina, no Maranhão e Pará” (BANDEIRA, 2009, p. 45). Porém quase não encontramos referências ao estado do Ceará, havendo por muitos, o desconhecimento de religiões afro-brasileiras existentes.

Nesse desconhecimento em torno de terreiros de Candomblé, macumba e umbanda, em solo cearense, existem informações e dados do censo demográfico de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

2000, do IBGE, informando que na cidade de Fortaleza, com uma população 2.141.402 habitantes, entre eles 4.236 pessoas - declaram-se, participantes de religiões de matrizes africanas: Candomblé e umbanda (BANDEIRA, 2009 p. 46). Entretanto os números aproximados, dos terreiros de em na Grande Fortaleza segundo me informaram os interlocutores, são de que existem pouco mais de 30 terreiros de Candomblé e aproximadamente 12 mil centros de umbanda, catiço, catimbó, quimbanda e outras denominações.

Conforme Pinheiro Júnior (2009), o Candomblé cearense pra resistir teve de se miscigenar com aos demais cultos já praticados. Os negros do Ceará uniram-se por meio da resistência, primeiramente com os índios que aqui já estavam, pela confluência de um opressor comum: o branco. A religiosidade afro no Ceará então, a despeito talvez, de outras no país iniciou-se de maneira sincrética com os cultos dos índios e “somente depois de receber influências estrangeiras, dos modelos religiosos negros de outros estados passou pelo processo de reivindicação de uma identidade própria” Ainda segundo Pinheiro Júnior, tratar o marco, ou a busca das origens do Candomblé cearense é tratar de toda uma construção histórica das raízes da própria sociedade cearense, todavia podemos tratar de tal referência com o trajeto individual e coletivo dos grupos de macumbeiros cearenses que encantaram com o processo de reafrikanização em âmbito nacional. Podemos pois seguir por meio de uma matéria no jornal “O povo” da primeira divulgação oficial e jornal de grande circulação sobre o Candomblé no Ceará data de 1974, quando 3 senhoras estariam recebendo o “deka⁷”. também era o momento de inauguração oficial de um terreiro, de linhagem bantu (ligada a nação angola). Após estes acontecimentos, alguns membros da Umbanda e do terecô começaram a iniciar-se no Candomblé “motivados por uma lógica do mercado religioso que valorizava a visibilidade de artista e intelectuais do Candomblé.

Em seu texto o Babalorixá Cleudo Pinheiro Junior (2009) assume a missão de organizar o “quadro de filiação” do Candomblé cearense. O autor versa que depois do processo de adesão dos antigos umbandistas ao Candomblé no Ceará, a trajetória da

⁷ Comenda litúrgica que celebra a vontade do sujeito que a recebe dar continuidade ao axé ao qual recebeu esta comenda. É normalmente após sete anos de iniciação que se recebe este rito de passagem. Acontece porém que este tem se tornado uma das grandes discussões dentro do eixo tradição e modernidade no Candomblé



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

religião toma o rumo reafrikanizado, pois os sacerdotes que agora compõem esta religião estão todos vinculados (ou com intenção de vincular-se) àquelas casas nagôs mais tradicionais a fim de comporem uma “tradição considerada mais pura”. (BANDEIRA 2009),

O fuxico do candomblé e ascensão ao poder

Júlio Braga em sua obra, elaborou como essa categoria se tornou tão importante no convívio social, e que é, responsável pelo importante movimento que se gera dialogando “tradição e modernidade” o que torna possível ele dizer que:

“A rigor, existe quase uma tradição de se quebrar tradição, com a inclusão de elementos novos no contexto ritual, e o binômio tradição e mudança encontra, no próprio grupo religioso, suas justificativas, e tudo leva a crer que a mudança engendra a continuidade da tradição mesmo que nisto seja identificado algum tipo de contradição formal.” (BRAGA, 1998 p. 32)

O conceito de “indaka de kafurungoma⁸” é aquele sujeito que fala que viu, e o que não viu, inventa e reinventa.”(BRAGA, 1998, p. 18) É, entretanto segundo o autor, um ótimo narrador porque coloca em funcionamento uma excepcional capacidade criativa e, “a partir de um pequeno fragmento da tradição é capaz de elaborar um discurso sistemático acerca da religião afro-brasileira onde a eventual mentira tem sabor e cidadania e irrefutável” (BRAGA, 1998, p. 20) O sujeitos que transportam a novidade são verdadeiros criadores de cultura pois às vezes os elementos da invenção podem ser incorporados ao universo religioso ao qual esta diretamente comprometido pela participação, ação e poder de mando e “aliás, o poder de mando induz o poder de criar, de recriar, de inventar.” (BRAGA, 1998, p. 21)

Não raro percebe-se, na religião que há os sujeitos que fazem de todo o expediente para obter essas informações e “antecipar esta aprendizagem atropelando o tempo estabelecido” (BRAGA, 1998 p. 25) o que pode ser considerado uma ofensa às bases religiosas dos Candomblés pondo em risco, entre outras coisas a própria noção de poder que também se apoia na noção de controle do saber religioso. Esta atividade é

⁸ Expressão que na língua bantu significa “aquele que a língua é tão forte que fura o atabaque”. É o fuxiqueiro dos terreiros afro religiosos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

muito comum quando os membros mais novos da religião, buscam informações de fontes diversas, que hoje além de mais facilmente pesquisadas nas enciclopédias virtuais chamadas Google e Yahoo (CANCLINI, 2008) podem servir a um novo suporte de justaposição de mais conteúdos. Além disso, esta incessante caça aos fundamentos da seita põe em cheque o poder de monopólio do conhecimento do sacerdote, como nos revela um Babalorixá, que possui terreiro fixado na região Metropolitana de Fortaleza:

“Meus filhos de santo semanalmente me chegam aqui com uma pergunta, com uma novidade. Quase toda semana eles chegam aqui com uma novidade: pai o que é isso, pai o que é aquilo? Então o que normalmente, algumas coisas que eles perguntam que eu sei do que se trata, eu vou conversar com eles. E eles retrucam ao mesmo tempo com uma coisa de forma totalmente diferente.[...]”⁹

Sobre isso ele dizia ser comum nas casas de santo, entre os sacerdotes mais antigos que sempre ocorreram debates de liturgias na casa de Candomblé. Ele lembra que o “ecuôaxe” era uma prática entre os membros da religião que conversavam entre si os conteúdos, tentando, segundo ele chegar num consenso, por mais que houvesse as vezes atritos mais ferrenhos, os sacerdotes se preocupavam em chegar a um ponto consensual e que hoje, na sua visão a internet trouxe uma configuração deturpada daquele “debate saudável”

“Diferente de hoje, que a internet faz com que até dentro das próprias casas, do próprio axé exista a, vamos chamar[...]e a coisa fica esquisita, porque a identidade do orientador maior, que é o Babalorixá, fica desmoralizada, porque chega a informação na internet que o “azul não é azul” e até que eu não vá provar o contrário, pro meu filho de santo, eu vou sendo questionado, e no momento que eu vou sendo questionado, meu poder de conhecimento fica fragilizado¹⁰.”

Ao buscar conhecimentos desta maneira os jovens no santo são reprovados dos “mais velhos” que gostariam que se respeitasse o tempo iniciado para os filhos-de-santo tivessem acesso ao corpus litúrgico do Candomblé. “Mas os mais jovens no santo temendo que este tempo nunca chegue, pela intransigência ou pouca disposição

⁹ Entrevista realizada em setembro de 2009

¹⁰ Entrevista realizada em setembro de 2009



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

sacerdotal para ensiná-los recorrem a todos os expedientes que os levem mais rapidamente ao conhecimento mais amplo dos fundamentos da seita”. (BRAGA, 1998, p. 27) Sobre esta posição é possível que eles tentem resguardar as informações pois, “esta visão serve também aos propósitos de se redobrar os cuidados para que os fundamentos da seita não sejam do conhecimento de todos ou então para justificar seu desinteresse em passar para os mais jovens os que sabem.” (BRAGA, 1998. p. 33)

O membro que é considerado “fura ronco” ou “elejo” (dono da fofoca), mesmo que eventualmente possa trazer algum embaraço com seus relatos, exerce papel fundamental de contemporizador na introdução de novos códigos comportamentais, através de um discurso cheio de graça ou pelo menos com ar de se trata apenas de gracejo, amenizando, assim, os efeitos da invenção ou reinvenção da tradição. (BRAGA, 1998)

E depois do clique?

Esta pesquisa ainda está em processo. Os resultados apontados e apresentados resumem o trabalho de monografia e aponta os caminhos da construção do objeto no trabalho de mestrado. Neste, para além de continuar a verificar os usos da internet no candomblé fortalezense o importante é discutir como a construção das legitimidades ocorrem em tempos de modernidade nos candomblés, em especial o de Fortaleza. Pois este surge de denominações religiosas que estão próximas entre si (gerando e sendo geradas inclusive práticas mistas: umbanda de orixá, Candomblé de caboclo e outras mais antigas como a Congo-angola. (DANTAS, 1985) E notamos que por mais que os sacerdotes mais antigos na religião queiram representar uma resistência maciça contra os avanços da modernidade sobre a religião, não conseguem todavia, ignorar seus efeitos. Os filhos-de-santo mais novos, incorporados em uma sociedade que foi solapada pelos fluxos informacionais contemporâneos (MELLO, 2009) vivem assim como a sociedade geral, momentos de busca incessante por informações, pois a demanda de novos dados é constante, precisando então, ver tantas quantas possíveis as informações. Já não bastam ser leitores de jornal, ou espectadores de Tv, sendo internautas, que aglutinam todas essas outras funções e demandam ainda outras novas. “As redes virtuais alteram o modo de ver e ler, as formas de reunir-se, falar, escrever, de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

amar, e saber ser amado à distância, ou imaginá-lo” (CANCLINI, 2008 p. 54). Alteram portanto, a maneira de relacionar-se. Este processo de inserção dos fluxos informacionais da sociedade moderna é diferenciado no caso do Candomblé fortalezense considerado novo e por isso não teve a oportunidade colher as experiências de continuidades e descontinuidades dos processos anteriores, o que aconteceu em outros estados onde o Candomblé é mais antigo.

O imaginário da religião afro-brasileira ainda pensa na obtenção do segredo e no poder político que este segredo se obtido pode possuir. É importante ressaltar que o poder religioso quase sempre confere poder político aos sujeitos mais afeito às práticas de modernidade ocorre uma publicização no mercado dos bens simbólicos que repercute na sociedade e atrai os sujeitos para a religião.

Dentre os usos da internet que reconhecemos percebemos que os sacerdotes usam a internet de diversas maneiras, igualmente na sociedade circundante: como meio de comunicação entres pares, compras online, obtenção de serviços. E como práticas ligadas à religião usam também como ferramenta complementar de obtenção de conhecimento litúrgico, uma vez que para os religiosos a internet não substitui a vivência e a experimentação dos ritos que são os momentos chave para obtenção desses conhecimentos. Mas assim como as fotografias de *Orixás*(1981) e *Diex d’Afrique* (1954), de Pierre Verger serviram para costurar a teia dos fragmentos litúrgicos e orientar um processo de ascensão da religião, a internet com todas as ferramentas possíveis, estreitam a interação entre o grupo, e apresentam uma nova maneira de transportar a novidade (BRAGA, 1998). Esse processo de transporte não se dá, sem conflitos no campo discursivo, que por vezes chega a materializar-se no intrincado campo de disputas que é o Candomblé. Daí a desvalorização do outro, a “mesquinhez”, a “covardia” são, de acordo com os entrevistados, estratégias que também se encontram espaço no anonimato dos perfis *online*, onde o sujeito, pode tecer o fuxico de candomblé de maneira nociva. É agora um ciberfuxico que atua recentemente nas religiões afro-brasileiras.

O Candomblé cearense se vê portanto, em mais um episódio de seu momento histórico de reivindicação por legitimidade, reconhecimento e espaço no cenário das religiões afro-brasileiras nacionais, continuando um processo teve inicio com o discurso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de invisibilidade do negro no estado, que percutiu até hoje, fazendo desmerecer as manifestações afroculturais cearenses. Restando, contudo ao Candomblé cearense, mesmo que heterogêneo e imbricado em disputas políticas escolher os usos, (não usos e desusos inclusive) que lhe convir desta ferramenta avassaladora (internet) das relações humanas que modifica a maneira de viver da sociedade contemporânea.

Bibliografia

BRAZEAL, Brian. **Reseña de “Secrets, Gossip and Gods”** de Paul Christofer Johnson IN: Afro-asia, Número 32, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2005 pp. 315-320

BANDEIRA, L. C. C. **Entidades africanas em “troca de águas”: diásporas religiosas desde o Ceará.** Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BENISTE, José de. **Aiyé e Orun: o encontro entre dois mundos: o sistema de relacionamento nagô yorubá entre o céu e a terra.** Rio de Janeiro. Bertand Brasil, 1997

BRAGA, Júlio. **O Fuxico de Candomblé.** Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana. 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas.** Tradução de Ana Goldberger, São Paulo, Iluminuras, 2008

CARDOSO, Bruno Vasconcelos de. Voyerismo Digital representação e (re)produção imagética do outro no Ciberespaço In: HEAD, Scot; GONÇALVES Marco Antônio (Orgs). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens.** Rio de Janeiro. 7Letras. 2009. p. 154-178

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco – usos e abusos da África no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

DORNELLES, J. **Antropologia e internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede".** Horizontes antropológicos, Brasil, 2004. v. 10, n. 21, p. 241-271, [online] http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000100011&script=sci_abstract&tlng=en capturado em 6 de maio de 2009.

_____. 2002, **fiéis virtuais: um estudo antropológico sobre as presença religiosa na internet.** [online] http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/jonatas_dornelles2.htm capturado em 14 de julho de 2009.

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. **De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line:** Revista Horizontes Antropológicos, 2004. [online] <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20622.pdf> capturado em 17 de novembro de 2009.

LEVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo, editora 34, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MELLO, Christine. Imagem Digital como Memória In: FURTADO Beatriz (org.) **Imagem contemporânea: cinema, TV, documentário, fotografia, videoarte, games.** São Paulo Hedra, 2009. p. 145-161 Vol. I.

Paul Christopher Johnson, *Secrets, Gossip and Gods*, Oxford, Oxford University Press, 2002.

PINHEIRO JÚNIOR, Cléudo de Andrade (Olutoji). Estratégias de preservação dos cultos afro religiosos ou o Negro Cearense e o jeito camaleão e sua fé. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues (org.). **Negros no Ceará. História, memória e etnicidade.** Fortaleza, Museu do Ceará/Secult. (Coleção Outras Histórias, vol.64), 2009.

PORDEUS JR. Ismael. **Umbanda. Ceará em Transe.** Fortaleza: Museu do Ceará. (Coleção Outras Histórias, v.16). 2002

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia.** In: Revista Brasileira de informação bibliográfica em ciências sociais. São Paulo, N° 63, 1 trimestre de 2007 p. 7-30. [online]

_____. **o Candomblé e o tempo.** Apresentado no evento “Tempo Inoculado”, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 2001.

SANTAELLA, Lúcia **O que é semiótica.** São Paulo, Brasiliense, 1999

SANTOS, C. H. R. **Orixás na Web: Candomblé Virtual e Comunicação no Ciberespaço.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Rio de Janeiro (RJ): PPGCOM/UFRJ, 2002

_____. **Candomblé na Internet: uma cultura de Arché na virtualidade.** Revista Logos da faculdade de comunicação social da UERJ N° 14, 2006 [online] <http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos14.pdf> Capturado em 12 de agosto de 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia. Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras.** 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira.** 2. Ed. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2005.

_____. (org.) **Caminhos da Alma: Memória Afro-Brasileira, Vol. 1.** 1. Ed. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2002.

_____. **Orixás da Metrópole.** Petrópolis. Vozes. 1995.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos Meios de comunicação de massa.** Editora Petrópolis. Rio de Janeiro, 1990.

TRAMONTE, Cristina. **Religiões afro-brasileiras na Internet: exercendo a cidadania no cyberspaço.**[online]<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/Tramonte.html> Capturado em 13 de julho de 2009.